

O KALEIDOSCOPIO.

PUBLICAÇÃO SEMANAL DO INSTITUTO ACADEMICO PAULISTANO.

N.º 14.

SABBADO 7 DE JULHO.

1860.

EDUCAÇÃO.

EXERCICIOS DE COMPOSIÇÕES.

X.

SABER É PODER.

«Até quando amareis, ó crianças, a infancia, e os insensatos cubigarão as cousas que lhes são nocivas, e os imprudentes aborrecerão a sciencia?»

«Bemaventurado o homem que achou a sabedoria, e que está rico de prudencia.»

PROV.

Si o homem não fosse dotado de raciocínio, seria como os outros animaes que elle domina; e, talvez, mesmo inferior a muitos delles, pois que mais cheio de necessidades e de vícios, necessariamente seria o mais miseravel e aborrecido. Mesmo assim apesar da faculdade de raciocinar, quando elle deixa de cultivar a sua intelligencia, quando não illustra o seu espirito, quando a sua razão permanece submergida nas trévas da ignorancia: pouco mais representa o homem, no mundo, do que um desses animaes bravios por entré as selvas; e muitas vezes só delles se differença em possuir maior ferocidade, em ser mais astucioso, em ter mais perversidade! Tal é o homem bruto.

A nossa razão só se desenvolve por meio dos conhecimentos; e unicamente é guiada a juizos verdadeiros por meio da sciencia. O homem ignorante não pôde bem raciocinar; e o que não tiver sciencia das cousas, não fará um verdadeiro juizo dellas. A sabedoria é a unica luz que aclara e illumina a intelligencia humana; é o sol da razão que com seus resplandecentes raios a purifica e a abrilhanta.

A razão do homem que não sabe, é como o olho do que não vê. Dando força e dirigindo a razão, a sabedoria eleva o homem a essa proeminencia, a que o destinou o Benigno Creador dos seres. Os conhecimentos são a móla do poder humano; por meio delles é que o homem domina sobre a terra, sobre os mares, e até ainda sujeita os astros á sua inspecção!

O homem com a sciencia, tudo vê, tudo conhece, tudo executa e tudo avassalla!

Os conhecimentos deram poder ao homem de modificar a natureza a seu bel prazer, e pôde dizer-se, que na materia nenhum segredo existe que lhe seja occulto.

A sciencia deve o homem fazer produzir a terra esteril; converter desertos em frondosos bosques; remover montanhas; dar direcção ás aguas; fazer subir embarcações a grandes alturas; atravessar rios por baixo de seus leitos; affrontar as tempestades; utilizar-se dos ventos; descobrir caminhos pelos immensos pélagos; extrahir dos mares preciosidades; encurtar espaços; reproduzir o seu pensamento; dar velocidade á sua communicação; tornar inflammavel a agua; servir-se da electricidade; e dirigir o raio! Lêr no céu e enxergar no abysmo!!!

Si não tivesse havido cultivo da intelligencia; si o homem permanecesse no estado da ignorancia primitiva; si não tivesse chamado em seu auxilio a sciencia, esse poder que tudo domina; essa força que tudo conquista; esse meio que tudo descobre; essa luz, enfim, que tudo aclara: acaso, como hoje, conversaria elle com todos os seculos; enxergaria por todo o espaço; veria o centro da terra candescente; e em gyro perpetuo circular em volta ao sol!

A imprensa, essa machina sem rival; esse mensageiro do pensamento, que o perpetua e apregoa por todo o mundo: não é ella filha da intelligencia cultivada? Não teve origem no avanço dos conhecimentos?

O vapor, essa força incommensuravel, que das aguas o homem extrahе para com ella mover machinas; dar velocidade a embarcações e locomoção a carros, em que viaje a razão de cincoenta e mais milhas por hora: a que se deve? Não será ao estado do progresso intellectual?

O fio electrico, que quasi com a rapidez do pensamento, o transmite a centenas de milhas, já cortando a atmosphaera e já as aguas do oceano, já de povo a povo e já de nação a nação: não será obra da illustração do espirito do homem?

O daguerreotypo, que com um raio de luz, em alguns segundos, estampa qualquer phy-

sionomia em laminas, papel ou vidro; o pára-raios, que chama a si as descargas electricas e põe em abrigo delles os edificios e o homem; a bussola, que guia o navegante ao porto desejado, por esses mares inflindos: não serão devidos á condição melhora da nossas faculdades intellectuaes?

A medicina seria hoje esse auxiliar benefico, que cura os nossos padecimentos phisicos e prolonga a nossa existencia: si ainda jazessemos na ignorancia?

A chimica não é ao desenvolvimento dos conhecimentos que deve o ser hoje essa sciencia, que vai descobrir o segredo mais recondito da materia, que a divide em suas moleculas, descobre os elementos, conhece-lhes os valores, compõe-nos e os separa?

A physica teria revelado as propriedades da materia; e o calórico, a luz, a electricidade e o magnetismo seriam tão conhecidos sem estudos, sem a analyse?

A geologia teria descoberto as entranhas da terra e feito contemplar o seu igneo centro; a zoologia, a vida intima dos animaes; a botanica, os segredos da vegetação; a mineralogia, a propriedade dos metaes; a astronomia, as revoluções dos astros; as mathematicas, a grandeza do universo?

E essa outra infinidade de sciencias e de descobertas, que tanto tem enriquecido os conhecimentos humanos, e elevado o homem a essa altura do saber tão proeminente: a que é devida tambem? Sinão ao estudo, ao exame, á analyse do mesmo homem? De que nascem todas estas sciencias e conhecimentos, sinão desse esforço da intelligencia no desejo de sublimar-se?

A ignorancia nada produz de grande, mórmente de sublime.

Ignorar é necessitar.

A' vista do quadro mal esboçado sim, porém verdadeiro que acabo de patentear-vos, meus caros meninos, ainda continuareis nessa especie de somnolencia ou torpor, que vos não deixa proseguir convenientemente pelos caminhos que conduzem ao sublime templo da sciencia? Acaso, não teria eu a ventura de acordar-vos dessa modórria, que vos acanha a intelligencia e embrutece o espirito?

As minhas palavras seriam tão impotentas, que não echoassem nos vossos animos os sentimentos com que foram ditas? As minhas razões tão mal desenvolvidas, que vos não convencessem da verdade do que vos quiz dizer? Ou acaso estará o vosso espirito tão fraco, o vosso animo tão abatido e a vossa intelligencia tão offuscada, que nada per-

cebaes, nada admittaes, e nada vos enthusiasme?

Não o creio; sois ainda mui jovens, e em vossos corações deve existir fogo bastante, para incendiar-vos o espirito com sagradas flammas; e cheio de esperanza por vós, eu tambem me enthusiasmo com o desejo de prestar-vos todo o auxilio para que triumpheis da ignorancia, para que vos enriquecaes de conhecimentos uteis, e para ainda que humilde, ser um dos guias que ao menos, vos ponha no verdadeiro andar para o saber, no caminho da sciencia e libertos da ignorancia.

A'vante, pois, meus caros meninos, prosigamos em busca da sciencia; sejam os vossos desejos illustrar o vosso espirito; sejam os vossos esforços cultivar as vossas faculdades intellectuaes; seja o vosso querer possuir sabedoria: e tudo conseguireis.

Querer é obter.

É de dia em dia, mais estimados vos tornareis, mais sereis respeitados; e o vosso poder se irá multiplicando; e as vossas forças tomando novo vigor; e o vosso nome tomando espaço e consideração.

Saber é poder.

E o mestre, os vossos progenitores, a vossa patria e o mundo inteiro, quando tiverdes triumphado, quando entrardes victoriosos pelo augusto templo da sciencia, ali estarão com os braços abertos para receber-vos, ali terão empunhada uma resplandecente corôa, que porão sobre as vossas cabeças; e o vosso nome em letras indeleveis, ali será inscripto pela mão da fama, para que seja lido e venerado pelas gerações vindouras. Ficareis immortalizados!

C. Y. 16 de Janeiro de 1857.

Colonisação.

PRIMEIRA CARTA.

Quer, Dr. Ferrão, que eu lhe expendam minhas idéas sobre a colonisação. É um assumpto melindroso este, meu amigo, que demanda serios estudos que não tenho feito, e sobretudo um atilamento practico que sendo aliás muito compativel com a profissão que exerço, não é, todavia, sinão a partilha dos espiritos affeitos á contemplação da marcha da ordem social e á observação acurada das necessidades vitaes do paiz.

Não ignora, V. que é profissional nas sciencias naturaes, quanta distancia medeia

entre ellas e as sciencias politicas. Pois bem; vou satisfazer á sua mania, perdoe-me a palavra um pouco mal-criada, á sua mania de discutir com os amigos; mas, previno-lhe desde já, o que vai ler é mais de instincto do que de reflexão, são idéas apanhadas no correr do pensamento, são, para me servir de uma expressão classica na philosophia sensualista, sentimentos transformados.

Sem esta declaração poderia eu passar por impertinente, e mais impertinente do que certos rapazolas que escrevem de tudo e por tudo com o *d'aplomb* do mestre encanecido nos arcanos da sciencia. Accusação que seria uma injustiça formal para os que me conhecem de perto.

No retiro em que vivo, pouco leio do que vai por esse mundo super-lunar da politica; porem vejo, e o saber ver já é tão grande vantagem, que duvido que a consiga. Seja o que fór, boas ou más, transmitir-lhe-hei minha opinião com a singeleza e boa fé de um espirito desprevinido.

Não remontar-me-hei á necessidade da colonisação, nem á historia da extincção do trafico, nem ao que se ha feito para substituil-o. São coisas sabidas e que estão no animo de todos: demonstral-as fóra demonstrar que as plantas desinvolvem a raíz para baixo e a haste para cima, que Deus creou o mundo e que Biribé, o cãozinho do Conde de Maistre, tinha uma reputação collossal em S. Petersburgo. Vou somente conversar comvoseo sobre o que me parece que se deve fazer em bem da colonisação.

A introdução da raça africana foi uma calamidade de que jamais deixará de sentir-se o espirito do nosso povo; foi uma praga de gafanhotos mais damnhos do que esses que via S. João sahirem do poço do abysmo, encobrando o sol e espalhando-se pela superficie da terra. Deixe passar, meu Ferrão, essa citação de S. João; não sou capucho, mas sou christão e gosto de ler a minha biblia nas tardes chuvosas: é a unica litteratura que tenho, essa das tardes frias, e neste paiz de litteratos hão de me perdoar a minha erudição apocalyptica.

Mas, voltando aos negros, com elles nos vieram todas as mazellas que nos corromperam o sangue portuguez, já por si um tanto alterado, que nos corria nas veias. Com elles veio-nos a indolencia, com elles a indole da sujeição, com elles as torpezas da superstição, com elles ainda o embrutecimento do senso moral. Eu me desinvolveo.

A indolencia.—Com quanto seja para mim

um axioma a influencia dos climas, não é, todavia, ás ephemerides climatericas que devemos pedir contas da preguiça que devoranos lentamente as melhores inspirações de nossa energia. O genio portuguez sempre foi aventureiro, sempre atirou-se ás conquistas longinhas, sempre distinguio-se pela actividade, nunca desmentio a memoria dos Gamas e dos Albuquerque. Foi porem enquanto não se degenerou pela mescla repulsiva do sangue africano. O brasileiro, isto é, o portuguez da America, acostumouse muito cedo á ver trabalhar, de braços cruzados, e a recolher do trabalho alheio os meios de sua sustentação. Foi acreditando que não nasceu para lavar a terra, passou á seus filhos esta convicção anti-christã e anti-social, passaram-na os filhos aos netos, enraizaram-se os habitos e ficou a nação o que vemos, preguiçosa, meu amigo... Ohe: esses mesmos que negam isto, dão o mais certo testemunho da verdade do que negam; é porque têm preguiça de ir ao fundo das coisas e levar os olhos um bocadinho mais á dentro.

A sujeição.—Aqui o espirito africano veio homogeneisar-se com as tendencias da raça latina. Paciente, resignada, podem ornal-a de flores essa victima e conduzil-a ao sacrificio que ella vai, vai direitinho sem cabecear. A espontaneidade, a iniciativa individual, a consciencia da personalidade, a confiança em si, a seguridade do animo independente, não são, certo, os caracteristicos da raça latina. Depois, ha outra coisa: corrompe-se muito facilmente um povo de senhores que tem sob si um povo de escravos; este possui o habito do trabalho, aquelle só o do mando e do gozo, isto é, o germen da corrupção, ou, levando mais longe a substituição dos termos, o germen da sujeição.

A superstição.—Tenho medo de tocar neste ponto, Dr.; não vão me accusar de libertino, racionalista, anti-christo e até epicurista! Mas o que é verdadeiro e bom porque não se ha de dizer? D'onde nos vieram os *feiticos* e as *mandingas*, sinão das pestilentas cavernas do Caco africano? d'onde nos proveio a cegueira voluntaria em materia de religião sinão desse abaixamento que nos collocaram as practicas supersticiosas? Respondam-nos os sabios da escriptura.

A perversão do senso moral.—Este é um effeito daquelles tres elementos combinados, e ali é justamente onde menos se poderá tornar sensivel a acção do governo que qui-

zer tomar conta disto. Nossos filhos em constante aproximação com os moleques de nossas fazendas, quando chegam a ser homens, já trazem consigo a sciencia da vida n'um gráu elevado que espanta e dóe profundamente. Que linguagem chula! que máu modo! que malicia em tão poucos annos! E sahem assim de casa, vão para o collegio, e ali verá como se aperfeiçoam esses bellos instinctos!

Páro aqui, meu Dr. As crianças choram... é a hora do prosaismo domestico. Mande-me noticias de nossos amigos, e guarde-me uma dose de seu espirito saxonio, que muito breve lá vou abraçal-o.

Seu d'alma

Luiz.

Nossa separação.

Sentir que o amor, a quem constante fomos,
Um dia nos deixou abandonados,
Sós no oceano da vida onde vogavamos
Juntos sempre arrostando as tempestades;
Sentir que mais não somos para aquella
Que prezamos o mesmo que antes eramos;
Sentir que nunca mais seu sorrir doce
Vir-nos-ha de ventura enlouquecer-nos;
Que seu olhar não busca mais o nosso,
Que ninguem restitue o que perdemos....
— Conheces tu acaso o inferno em vida?

Nenhum de nós se illude, foi p'ra sempre
Nossa separação!
No funesto momento do adeos ultimo
Eu morri para ti!
Agora sou como si nunca houvera
Em teu caminho me postado um dia.
Si involuntaria junto a mim passares
Eu sei que has de fingir que não me viste,
Equando acaso os olhos me encontrarem
Elles mais não terão nada a dizer-me.

Ai! Mais não tenho de tentar fallar-te.
E nem mais de esperar os teus escriptos;
A mente enganar póde-me as vigalias,
Mas p'ra mim não são mais os teus afagos;
O coração que palpitava ao vêr-me
Não ha de palpar por mim mais nunca;
Teu sorrir vai fazer d'outro a ventura;
Eu o estranho serei que não conheces!

Amanhã estarei riscado, morto,
N'alma amanhã de mim nada te resta;
Um lugar no menor dos pensamentos
Teus não terei mais nunca.
No entanto só comigo te occupavas!
Hão de os annos volver, e minha fronte
Curvada encanecer-se,
Não tenho mais de ouvir a doce musica
De tua voz tão fagueira!

De minhas mãos guardar nada quizeste,
De amor a prenda, — esse penhor que nunca
De mim te esquecerias — restituiste!
Em quanto que eu conservo, quaes reliquias,
Tantos escriptos teus, e os teus cabellos,
Viveu tua imagem tempo tão extenso
Só na minha alma que, vestigio eterno
Imprimindo, jámais posso olvidar-te.
Mas tudo ha de acabar um dia; — excepto
Nossa separação!

D. M.

Chorada. *

Não vés sulcando do Oceano as vagas,
Esses gigantes, que a borrasca açouta,
Que aos ceus se elevam, e no mar se esharram;
Conduzindo dos povos as idéas,
As artes, o progresso, o gosto e o luxo?
A sua vida, pois, a mim o devem,
Das mattas saio p'ra correr nas vagas. — 1

Capaz de enfeitiçar minha magia,
Deleita as mentes, arrebatá o sizo,
A harmonia, que exhalo, é tão sublime
De encantos tantos, de attractivos taes,
Como é de bella virgem um sorriso. — 1

Virgem, tu foste que abalaste as fibras
Mirradas pela dôr dentro em meu peito;
Cresci nas lagrimas, vi no pranto,
Na vida minha não achei uma alma,
Que sincera ca: pisse as minhas dôres;
Deseri de tudo, reneguei ternuras;
P' nsei na campa só achar allivio
A' dor que a flor da vida desecava!
Ma: ah! Na terra ingrata onde gemia,
Onde pranto verti, amargo, acerbo,
Um anjo havia, que roubára aos ceus
Seus encantos, perfumes e feitiços:
Era um anjo que a terra resumia,
O ceu, o paraizo, a eternidade!
Vi-te, e meus olhos de chorar cessaram,
Vi-te, e meus labios não desereram mais,
Vi-te, e meu peito arrebatado em extase,
Abafou seus suspiros, seus gemidos,
Calou sua amargura e seus martyrios!..
Embevecido no prazer de vêr-te,
As magoas esqueci, a dor e o pranto;
Embevecido no prazer de ouvir-te,
Esqueci Deos, o ceu, minha alma, tudo,
Tudo a não ser de teu olhar o brilho,
As tranças negras, o matiz das faces,
O amor, emfim, que eu ideára em sonhos!
Alimentou-me a vida o teu perfume,

* Casualmente veio ao nosso conhecimento a existencia desta bella produção do distincto Litterato e Poeta, Riograndense, o Dr. Felix X. da Cunha No dia 25 de Agosto de 1850, em Santos, um desses anjos da terra lhe inspirou estes excellentes versos, que immediatamente consignou no papel; e nós tomamos a liberdade de perpetuar pela imprensa, visto nos affirmarem que apenas existia o autographo, e nós termos a sua publicação como um serviço ás Lettras.

Secou-me o desprazer o teu sorriso,
Viçou-me as faces o fulgor dos olhos.
Hei em troca adorar-te sempre e sempre,
Na vida e morte, lá nos ceus, na terra,
Virgem minha de amor, anjo c-leste.

A vingança d'um tempo.

(Continuado de p. 106.)

2.^o FRAGMENTO.

Então acordarei ao sol mais puro
Cheirosa a fronte ás auras da esperança!
Lavarei-me da fé nas aguas d'ouro
De Magdalena em lagrimas—e ao anjo
Talvez que Deus me dê, curvado e mudo
Nos effluvios do amor libar um beijo
Morrer nos labios delle!

ALVARES DE AZEVEDO.

« Foi d'ora em diante o meu caminhar por este mundo—procurar o amor d'uma virgem.

« Afóra essa primeira mas ephemera sensação agradável que me causou a vida levada entre mulheres venaes, o coração ficára frio, tranquillo, inda que os labios fôllessem d'amor e exprimissem affectos.

« Era a vida da sensualidade brutal, o queimar dos espiritos, o grito das orgias.

« Entretanto alguma coisa me faltava: queria amar uma mulher pura, receber um affecto tambem puro: queria poder dizer: esta virgem me pertence exclusivamente. Seus suspiros, seus ais, suas saudades são meus, exclusivamente meus.

« Sentia meu ser se transformar. Outras idéas, outras ambições occupavam-me a mente.

« Tinha remorsos do passado, envergonhava-me do presente, soffria pelo futuro.

« Isolei-me. A solidão me agradava porque se casava com a minha alma que tambem estava isolada.

« Então pensei em Deus.

« Cri em Deus, na sua Omnipotencia, na sua bondade que havia desconhecido.

« Quem era a causa desta mudança? O mundo ali estava com suas festas, com seus praseres e eu detestava o mundo.

« Cri em Deus e chorei.

« Eram lagrymas de remorso e de arrependimento e ellas me consolavam.

« Mas eu estava isolado na terra e o homem não pôde viver assim.—Ou precisa d'um peito amigo, franco, leal como a propria amizade; ou precisa d'um coração de

mulher amante, puro, exclusivo como o proprio amor.—Na velhice, quando o presente é frio, isolado ou morto pelo gélo da idade, o homem ainda tem por companheiro o seu passado: elle é o seu amigo e a sua amante.

« Tiree o amor e a amizade do coração do homem e elle perderá o seu caracter nobre.

« E entretanto eu não tinha nenhum amigo e nenhuma amante...

« Agora vou referir a passagem mais negra da minha vida, a ultima phase do vicio, mais horrivel porque se vestio com as roupas da virtude... E' a historia d'uma seducção, d'um rapto e d'um assassinato... Passarei depressa sobre este facto... ao escrevel-o sinto uma nuvem escurecer-me os olhos, e o coração parece voltar á aquelle tempo em que soffreu as torturas do inferno...

« Ainda eu continuava a residir no Rio de Janeiro. Morava então na rua de... Junto a minha casa havia uma familia obscura mas honrada...

« Sympathisaram comigo, com a minha vida reconcentrada e me receberam com intimidade.

« O chefe desta familia tinha tres filhas das quaes a mais velha contava 20 annos. Chamava-se Dulce...

« Era uma mulher perfeita. Em seu rosto moreno, regular, suave havia alguma coisa que atrahia, que prendia a attenção e fazia o coração pulsar inda mesmo contra a vontade. Era o olhar e o sorriso.

« Aquelles olhos negros, rasgados, brilhantes tinham uma força irresistivel. Em certos momentos o fulgor se lhe desmaiava e elles se amorteciam: dir-se-hia então que um véu voluptuoso os velava: dir-se-hia que era um suspiro de desejo que exhalava este coração ardente e sonhador e que vinha gemer-lhe nos olhos.

« Estes instantes eram sufficientes para patentear o caracter desta moço, porque lhe descobriam o fumo da alma.

« Com effeito, via-se que esta alma scismava continuamente, que sorria a um ideal sorrisos tão meigos, tão doces que vinham se lhe reflectir nos olhos.

« Eram, porém, poucos e rapidos esses instantes, pareciam delirios d'um goso ideal que faziam gemer aquella natureza de 20 annos e que passariam desapercibidos a não ser a expressão do olhar.

« Mas rapidas como eram assim mesmo iam tocar no fundo do coração e excitavam-lhe um desejo puro e voluptuoso a um tempo.—O perfume desta flor era virgem, os salões brilhantes e corruptores nunca haviam-n'a aspirado, nem manchado-lhe o colorido.—Crescêra occulta, a folhagem a resguardára, estava em todo o viço e expansão da belleza. Por isso o coração parava admirado; e contemplando essa creatura tão linda, tão mimosa e innocente, um desejo o animava: era ir com um beijo fazel-a estremecer, agitar-se, gemer e depois amar... porém amar exclusivamente, infiltrar a alma na della, confundir as existencias, viver d'uma só vida...

« Comtudo aquella fórma perfeita, aquelle corpo flexivel e mimoso ás vezes pendia como se uma onda de amor o fizesse curvar-se. Então a imaginação se aquecia, delirava, e um encanto irresistivel magnetico impellia os braços a se apoderarem delle, estreital-os e fazel-o suspirar uma palavra de amor.—

.....
 « Eu amei esta mulher desde que a vi, desde que advinhei os impulsos de ternura de que seria capaz seu coração ardente.

« Ella tambem me amou.

« A's noites, encostados em nossas janelas que eram proximas, nós levavamos a conversar sobre o presente, sobre o futuro. Era um presente d'amores, era um futuro de delicias!... Quanta vez a lua não se erguia nos céus, as estrellas não brilhavam no firmamento, e nós só viamos o nosso amor?!... E a lua outra vez não se escondia nos céus, e as estrellas não desmaiavam no firmamento, e nós só viamos o nosso amor?!... Quanta vez os relampagos da tempestade não allumiavam os negrumes da noite, a chuva não nos borrifava o rosto, e nós só viamos o nosso amor?!... E a tormenta passava, e os relampagos morriam sem estrondo, e a chuva apenas gotejava dos telhados, e nós viamos o nosso amor?!...

« Separados por um pequeno muro quantas vezes nossas almas não pensariam em transpol-o para se unirem?

.....
 « Dulce, lhe disse em uma noite,—o luar está tão bello, nossos corações se amam tanto—porque não deixal-os se communicarem de perto? Nossas almas casadas perante Deus gemem isolados em nossos peitos, porque não reunil-as? Vem, Dulce, desce ao jardim, será tão bello amar entre as flo-

res!... Tenho tanta coisa á te dizer!... Ha certos pensamentos, Dulce, que revelam segredos tão intimos da alma que os labios não podem dizel-os. As almas, bem unidas, ligadas por essa sympathia mysteriosa, tambem fallam, mas é uma linguagem que ellas sós intendem, que palavras da lingua humana não n'a podem traduzir porque ella é do céu. Vem, Dulce, deixemos nossas almas conversarem de perto.

« Ella desceu ao jardim, eu já lá estava. Tomei-a pela mão, conduzi-a para onde as flores mais rescndiam e ajoelhei-me aos pés della.

«—Não, Henrique, me disse Dulce: ahi adiante ha um canteiro cujas flores eu mesma plantei. Vamos lá. Eram minhas flores de predilecção, eram meus unicos cuidados antes de te haver conhecido, que ellas sejam agora testemunhas do nosso amor.

« Levantei-me e segui-a. Junto ao canteiro havia um assento de relva. Dulce sentou-se nelle. Eu de novo me ajoelhei aos pés della. D'um lado estava o canteiro e d'outro uma parede formada de jasmim de Italia. A brisa difundia no ar o perfume das violetas e das rosas. Os ramos pendentes se agitavam mansamente deixando os raios da lua se irem reflectir nos olhos de Dulce.

« Nós não podiamos fallar. Nossas mãos tremiam, se aqueciam, esfriavam, depois ardiam uma dentro da outra. Nossos olhos fixos contemplavam nossas almas. Nossas almas estremeciam, aproximavam-se, recuavam, depois se aproximavam de novo. Finalmente tocaram-se e se fundiram n'um beijo.

.....
 « Um mez depois desta noite eu dizia ao pai de Dulce:—Amo vossa filha, ella tambem me ama: dai-m'a para minha esposa. Amanhã, me respondeu, tercis a minha resposta.

« No dia seguinte fui saber della.

«—Não vol-a dou, Sr. Henrique, me disse laconicamente e voltando-me as costas.

« Fiquei perplexo, que havia fazer? Nada lhe repliquei. Comtudo a minha resolução já estava tomada. Cumprimentei-o e sahi.

« Nessa mesma noite Dulce fugia comigo para nunca mais voltar á casa paterna.

« Saimos da cidade. Dous cavallos nos esperavam, caminhamos sem saber para onde.

« Fosse receio imaginario, ou fosse realidade, pareceu-nos ouvir longe, para traz de nós o tropear d'um cavallo.

(Continua.)

ACADEMIA.

A Jurisprudencia que é a primeira necessidade das sociedades civis que se fundão, conta em seu recinto com representantes d'aspirações ardentes, porém generosas. A' corporação magestosa desses reservados ministros da humanidade, um, hoje, se unio digno della por seus talentos e dedicação.

Queremos fallar do Illm. Sr. Dr. Clemente Falcão de Souza filho, que acaba de tomar posse, como Lente substituto e de ser logo encarregado da Cadeira do 4.º anno de Direito Civil.

O academico que tanto se distinguio, é digno da categoria á que foi elevado. Elle resume o triumvirato do saber, da honestidade, e da sympathia geral; e será um digno continuador de seu Pae no Magisterio.

Junho, 27.

MOSAICO.

Uma das mais alentadas arvores de que ha memoria, era um castanheiro que existe na Sicilia haverá quarenta annos, e que talvez ainda lá exista. Muitos viajantes fallam della entre os quaes se conta o inglez Brydone, que o viu no meado do seculo passado. Na apparencia parecia ser cinco arvores distinctas.— Diz-se que o espaço entre ellas era antigamente todo macisso de madeira, constituindo assim uma só arvore. Brydone, que o refere, assegura que ao principio não podia conceber como isto fosse possivel; porque as cinco arvores abrangiam um espaço de duzentos e quarenta pés de circumferencia. Convenceu-se emfim, não só pelo testemunho dos habitantes das vizinhanças e pelo exame de um naturalista muito entendido, mas tambem pela observação que fez nas mesmas arvores, nenhuma das quaes tinha casca pelas faces interiores, o que bem mostrava serem troncos separados da mesma planta. Este castanheiro era tão affamado, que, segundo narra o mesmo Brydone, estava marcado num

antigo mappa da Sicilia publicado haveria cem annos.

* *

Deu-se ultimamente em S. Petersburgo com o general que aprisionou Sohamyl e acabou a guerra do Caucaso, um facto ainda mais notavel do que o que se deu com o marechal Paskwitch, quando venceu a ultima revolução da Hungria.

O general foi esperado fóra da capital pelo czar, e entrou em S. Peterburgo na carruagem do imperador, e ao lado deste.

Chegando ao campo onde se achava a tropa em parada, o general postou-se no lugar da continencia, e o imperador á frente de toda a tropa passou por diante d'elle, abaixando-lhe a espada, e o mesmo fizeram os grandques, que iam á testa de seus regimentos.

O general que recebeu honras militares tão extraordinarias não tem ainda cincoenta annos.

* *

Um homem sem dinheiro é um enigma sem explicação, uma velha namoradeira, um almanak do anno passado.

*

A gloria é o omnibus da posteridade.

*

As boas idéas são como os botões de camisa, faltam-nos algumas vezes.

*

A sciencia é o bico de gaz da humanidade.

*

Si eu tivesse filhos, só uma cousa desejaria: ser seu pae.

*

O pudor e a castidade são as cortinas da alma.

*

Quando vejo um hombeiro conversando com uma moça penso logo em incendio.

*

O coração é a alcova do sentimento.

*

Nutrir-se de illusões é pôr o espirito em diéta.

Commerson.

O ROMANCE DE UM MOÇO RICO.

(Continuado da pag. 108.)

LUIZA.—*(Embaraçada)*. Foi a sra. d'Avila....

FERN.—Minha mulher?—Estou deshonrado! perdido!

CONDES.—Fernando...

FERN.—Oh! hei de matá-los!

COND.—Meu irmão...

FERN.—Mas como poderei encontrá-los? onde estarão elles!...—e quem?. quem me dirá como se chama esse homem?.

SCENA II.^a*Os mesmos e Simões.*

SIM.—*(Entrando apressadamente)*. Eu, senhor!...

FERN.—Tu?

TODOS.—Como?

FERN.—Falla, falla!

GRA.—Vê lá no que te mettes, rapaz!...

SIM.—Cá por certas desconfianças sahi da sala do baile e fui me collocar na porta principal: vi então entrar em um carro a senhora... D. Maria d'Avila... que reconheci perfeitamente por estar com o rosto descoberto... e um homem que não pude reconhecer porque estava mascarado.

CONDES.—Como pôde então o senhor saber...

SIM.—Não tenha pressa, minha senhora.—Dice então com os meus botões: este carro não é o do sr. Visconde; por conseguinte procurei saber com mais affinco quem era o maganão: cheguei-me ao estribo da carruagem e ouvi o tal sujeito dizer, não á senhora, mas ao cocheiro:—A' minha casa! a todo o galope!—Sua voz não se parecia com a do sr. Visconde: como o cocheiro não tinha mascara reconheci que era o do sr. D. Francisco de Menezes...

FERN.—D. Francisco!

CONDES.—É impossivel!

SIM.—Ouça o resto, minha senhora, e não se apoquente. Na portinhola do carro deparei com as armas da casa do sr. D. Francisco de Menezes... *(Movimento de despeito do Conde e da Condessa)*.

FERN.—*(Levando a mão á espada)*. Meu irmão, pela tua honra acompanha-me! *(Sahе arrebatadamente: a Condessa e o Conde o acompanham)*.

SIM.—Então dei ou não conta da mão, senhor patrão?

GRA.—*(Pesuroso)*. Mas elle vae matá-la!...

SIM.—Si fôr criminosa, por certo; mas si fôr innocente, ha de salvá-la!

FIM DO QUADRO SEGUNDO.

QUADRO TERCEIRO.

Camara em casa de D. Francisco de Menezes.

SCENA 1.^a*Maria só.*

MAR.—De quem será esta casa? Porque me trouxe Fernando para aqui? Sinto-me inquieta e perturbada: onde estarei?—Vou sabê-lo. *(Toca a campainha)*. No caminho não me dirigiu uma só palavra, de balde o interroguei repetidas vezes: não quiz responder-me: apenas chegamos, recolheu-me á esta camara: não me appareceu mais.... O que significa tudo isto? *(Toca de novo a campainha)*. Ninguem! ninguem acode... *(Vae á porta do fundo e procura abri-la)*. Fechada! *(Vae á da direita)*. Fechada tambem!. *(Volta e encontra-se cara á cara com D. Francisco de Menezes, que entra pela esquerda, pára, cruza os braços e contempla-a fito)*. O sr. D. Francisco de Menezes!

SCENA 2.^a*Maria e D. Francisco.*

D. FRAN.—Sim, sra. Viscondessa, sou eu mesmo! V.^a Ex.^a admira-se de ver-me aqui?

MAR.—*(Tremula)*. Realmente... sr. D. Francisco, não esperava....

D. FRAN.—Não preveniram á V.^a Ex.^a de que eu teria tambem a honra de cear com V.^a Ex.^a!

MAR.—Cear commigo!

D. FRAN.—Sim, minha senhora. Mudámos de resolução porque não era bonito ver-se uma senhora da cathgoria de V.^a Ex.^a cear em um botequim, em uma noite de carnaval. Offereci-me, pois, para ser o amphytrião de V.^a Ex.^a

MAR.—*(Muito assustada)*. Então — esta casa é vossa?...

(Continúa.)